

RELATO DE CASO – ESPOROTRICOSE CANINA

CAMILA MOURA DE LIMA¹; ALESSANDRA JACOMELLI TELES²; ALINE ROCHA NUNES³; JORDANA SELL SAUERESSIG³; DAISER PAULO SAMPAIO JR⁴; MÁRIO CARLOS ARAÚJO MEIRELES⁵

¹Graduanda em Medicina Veterinária, UFPel – camila.moura.lima@hotmail.com

²Mestranda do Programa de Pós Graduação em Veterinária, UFPel – ale.teles@gmail.com

³Graduandas em Medicina Veterinária, UFPel – alinerochanunes@yahoo.com.br, pmtcoroas@hotmail.com

⁴Médico veterinário – paulosampaiojr@hotmail.com

⁵Prof. Associado Faculdade de Veterinária, UFPel – meireles@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma doença micótica com alto potencial zoonótico causada por fungos do gênero *Sporothrix*, a qual afeta homem e diferentes animias, principalmente cães e gatos. Os fungos são encontrados em solos, plantas, matéria orgânica em decomposição, principalmente, em zonas tropicais e temperadas (MADRID, 2007). Estes fungos são dimórficos, ou seja, em temperatura ambiental (25°C) apresentam-se na forma filamentosa e adquire a forma leveduriforme quando a 37°C (LARSSON, 2011).

Essa enfermidade, de maior frequência em felinos ocorre em menor grau nos caninos. O primeiro caso em cães no Brasil foi descrito em 1964, por Londero, Castro e Fischman, que relataram a forma disseminada da micose. Nos últimos anos os casos dessa doença em caninos tem aumentado. SCHUBACH e colaboradores (2006) descreveram um surto no Rio de Janeiro de esporotricose cutânea em 44 cães, sendo que a transmissão ocorreu por gatos infectados em 84,1% dos animais, enfatizando o potencial do felino como principal transmissor da doença. Diferentemente dos gatos, os cães não têm o hábito de arranhar e mesmo possuindo o agente nas unhas, dificilmente conseguirão inoculá-lo, pois o *Sporothrix* spp. necessita de uma lesão pré-existente ou de inoculação traumática para ser instalado no organismo (SCHULTZ et al., 2013). Em caninos raramente são encontradas células fúngicas nas lesões, dessa forma a transmissão com potencial zoonótico se torna mínimo (TABOADA, 2004). A forma de apresentação mais comum na espécie canina é a cutânea, onde são observados nódulos firmes múltiplos, podendo estes ulcerar ou drenar, também apresentam áreas alopecias e lesões ulceradas não dolorosas nem pruriginosas, principalmente no tronco, cabeça e orelhas (SOUZA et al., 2009).

O diagnóstico definitivo é o isolamento do agente em cultivo micológico a partir de material biológico de animal suspeito. O tratamento da esporotricose é bastante longo, dura em média de 6 a 18 meses e o fármaco de eleição é o itraconazol, devido ao resultado satisfatório e efeitos colaterais reduzidos (ACOSTA, 2013).

O objetivo deste trabalho foi relatar um caso de esporotricose canina, demonstrando a apresentação clínica da enfermidade nessa espécie e salientar a importância do diagnóstico definitivo através do isolamento do agente.

2. METODOLOGIA

Foi realizado o atendimento, em uma clínica particular na cidade de Pelotas/RS, de um canino fêmea, chamada Preta, com dois anos de idade, sem

raça definida, pesando 11 kg, não castrada, proveniente do bairro Guabiroba. Na anamnese, foi relatado que o animal havia sido recolhido da rua há quatro meses apresentando lesões no focinho (parte interna e externa) e ao redor dos olhos. Inicialmente foi realizado um tratamento para sarna, no período de três meses, com sabonete sarnicida e ivermectina, sem sucesso e a persistência das lesões. Posteriormente, foi administrado antibiótico e antiinflamatório esteroidal, sem haver resposta à terapia, a proprietária buscou orientação veterinária, tendo em vista que o tratamento anterior foi indicado em um pet shop.

No exame clínico realizado pelo médico veterinário, verificou-se a presença de lesões crostosas no plano nasal, que se estendiam pela narina, dorso do focinho e ao redor dos olhos, se apresentavam úmidas, hiperêmicas e inflamadas (Figura 1). O animal não apresentava febre, dificuldade respiratória e estava se alimentando normalmente.



Figura 1: Canina em primeira consulta veterinária. A: lesões em região de face; B: lesões crostosas em plano nasal; C: secreção sero-mucosa em cavidade nasal.

Foram coletadas amostras com auxílio de *swab* estéril das lesões da cavidade nasal para realização de exame micológico. O material foi encaminhado ao Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Micologia Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (MicVet/UFPEL), onde foi processado através do cultivo em duplicata, em placas de Petri contendo ágar Sabouraud acrescido de cloranfenicol e ágar seletivo para fungos Mycosel. As placas foram incubadas em estufas a 25°C e 37°C, com observação diária durante o período de duas semanas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O diagnóstico definitivo de esporotricose foi estabelecido com isolamento de *Sporothrix* spp. nas amostras das lesões. O dimorfismo do fungo foi confirmado com crescimento de colônias cremosas branco-amareladas a 37°C caracterizando a fase leveduriforme do fungo e, a temperatura de 25°C as colônias filamentosas apresentavam-se rugosas, membranosas e de coloração creme, tornando-se

acastanhadas a enegrecidas com o envelhecimento da colônia. Essas características conferem com o descrito por LARSSON (2011) e ACOSTA (2013).

Após a confirmação diagnóstica foi estabelecida a terapia antifúngica com itraconazol na dose de 50 mg, duas vezes ao dia, durante 90 dias, sendo indicado o retorno para reavaliação e acompanhamento do tratamento. O animal está em tratamento há um mês.

As lesões causadas por esporotricose em cães são variadas, podendo ser confundidas com outras enfermidades que tenham sinais clínicos semelhantes. Em cães com leishmaniose, as lesões são similares as da esporotricose. Por isso, é de grande importância a realização do exame laboratorial com isolamento do agente etiológico para o diagnóstico diferencial entre esporotricose e leishmaniose em caninos (MADRID et al., 2007). Normalmente o diagnóstico diferencial entre esporotricose e leishmaniose é feito baseado em evidências epidemiológicas, aspecto clínico da lesão e sorologia para leishmaniose (SANTOS et al., 2007).

As análises histopatológicas e citopatológica são consideradas inadequadas para a diferenciação entre esporotricose e leishmaniose devido à facilidade de serem confundidas as formas leveduriformes do *Sporothrix* spp. e as formas de amastigotas da *Leishmania* sp., o tamanho dessas formas são similares quando coradas com hematoxilina/eosina gerando dúvidas de diagnóstico. A coloração com prata ou PAS é indicada para a diferenciação dessas formas. Entretanto, o isolamento da cultura é necessário para a identificação das espécies de leveduras. As culturas micológicas e parasitológicas são consideradas de boa sensibilidade e especificidade para detectar a esporotricose e a leishmaniose, respectivamente. O diagnóstico diferencial deve ser feito baseado no isolamento do agente etiológico (SANTOS et al., 2007).

Os casos relatados dessa enfermidade em caninos ainda são poucos quando comparados com a esporotricose felina. Cães positivos para essa micose, na maioria dos casos, tem envolvimento com transmissão por gatos infectados. Embora o caso aqui relato não haja a confirmação do contágio por felino, pode-se sugerir que essa tenha sido a via de transmissão para a paciente, pelo fato da mesma ser recolhida da rua já com sinais clínicos e estar em zona endêmica (AZAMBUJA, 2013).

4. CONCLUSÕES

Embora menos comum, a esporotricose pode acometer cães, conforme foi observado no relato de caso. Em função dos sinais clínicos dessa micose serem semelhantes a lesões causadas por outras doenças deve-se realizar diagnóstico diferencial. O relato demonstra que o diagnóstico definitivo é fator fundamental para o sucesso do tratamento e profilaxia da doença.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, P.B. **Eficácia da terapia antifúngica na esporotricose felina: relato de casos.** 2013. 28p. Monografia. Centro de Estudos Superiores de Maceió, Fundação Educacional Jayme de Altavila, Porto Alegre.

AZAMBUJA, V.B. **Envolvimento Zoonótico com *Sporothrix schenckii*: relato de caso.** 2013. Monografia – Curso de Pós-Graduação, Especialização em Clínica Médica de Pequenos Animais, do Centro de Estudos Superiores de Maceió, da Fundação Educacional Jayme de Altavila.

LARSSON, C.E. Esporotricose. **Journal of Veterinary Research and Animal Science**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011.

Londero A.T.; Castro R.M.; Fischman. Otwo cases of sporotrichosis in dog in Brazil. **Sabouraudia**. 3: 273-274, 1964.

MADRID, I.M.; JUNIOR, R.S.; JUNIOR, D, P.S.; MUELLER, E.N.; DUTRA, D.; NOBRE, M.O.; MEIRELES, M, C.A. Esporotricose canina: relato de três casos. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 35, n.1, p. 105 – 108, 2007.

SANTOS, I.B.; SCHUBACH, T.M.P.; LEME, L.R.P.; OKAMOTO, T.; FIGUEIREDO, F.B.; PEREIRA, S.A.; QUINTELLA, L. P.; MADEIRA, M. F.; COELHO, F.; REIS, R. S.; SCHUBACH, A.O. Sporotrichosis – The main differential diagnosis with tegumentary leishmaniasis in dogs from Rio de Janeiro, Brazil. **Veterinary Parasitology** 143.p. 1–6, 2007.

SCHUBACH, T. M. P. SCHUBACH, A.; OKAMOTO, T.; BARROS, M.B.L.; FIGUEIREDO, F.F.; CUZZI-MAYA, T.; PEREIRA, S.A.; SANTOS, I.B.; PAES, R.A.; PAES-LEME, L.R.; WANKE, B. Canine sporotrichosis in Rio de Janeiro, Brazil: clinical presentation, laboratory diagnosis and therapeutic response in 44 cases (1998-2003). **Medical Mycology**, v. 44, p. 87-92, 2006.

SCHULTZ, C. T.; ALVES, R. G.; COSTA, A. P. Conhecimento e atuação em relação à esporotricose em estudo de caso com médicos veterinários do Rio de Janeiro. **Revista CFMV - Brasilia/DF - Ano XIX – n.59 – 2013**.

SOUZA, N.T.; NASCIMENTO, A.C.B.M.; SOUZA, J.O.T.; SANTOS, F.C.G.C.A.; CASTRO, R.B. Esporotricose canina: relato de caso. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v.61, n.3, p.572-576, 2009.

TABOADA, J. Micoses sistêmicas. In: ETTINGER, S.J.; FELDMAN, E.C. **Tratado de Medicina Interna Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., v. 1, p. 478-503, 2004.